

KANT

Immanuel Kant nasceu em 1724 e faleceu no ano de 1804. Viveu em Königsberg.

Tem sido considerado o maior filósofo da modernidade, não obstante a existência de algumas vozes discordantes.

Apesar de ter sido educado com a filosofia de Leibniz, acabou por ser influenciado por Rousseau e por Hume – *este, que nas suas próprias palavras, o terá despertado do seu sono dogmático.*

Era liberal e sentia-se atraído pela democracia.

Obras principais:

Crítica da Razão Pura – É a obra principal de Kant. Nela, o filósofo pretende reabilitar a razão – *por intermédio de um “tribunal”, que é a crítica da própria razão pura* – contra o ceticismo.

Crítica da Razão Prática – Também uma das principais obras de Kant, que intenta descortinar o modo como a vontade pura pode ter interesse na lei moral.

Nestes escritos, surgem-nos os postulados da razão prática, que entram em domínios vedados à razão teórica, v.g., a existência de Deus e a imortalidade da alma.

Prolegómenos a toda a Metafísica Futura que possa apresentar-se como Ciência – Trata-se de uma exposição facilitada da filosofia de Kant, talvez para alargar o número de leitores – o que apesar do valor da obra, acabou por não atingir os objectivos pretendidos.

Outras obras:

História Geral da Natureza e Teoria do Céu; Considerações sobre o Optimismo; O Conceito de Grandeza Negativa; Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime; Sonhos de um Visionário explicados

pelos Sonhos da Metafísica; Dissertação de 1770; Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita; Fundamentação da Metafísica dos Costumes; Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza; O que Significa Orientar-se no Pensamento; Crítica da Faculdade de Julgar; A Religião nos Limites da Simples Razão; Projecto de Paz Perpétua; Antropologia do Ponto de Vista Pragmático; O Conflito das Faculdades; Lógica; Reflexões sobre a Educação.

Escreveu inicialmente obras de carácter científico, nomeadamente a *História Geral e Natural e Teoria dos Céus*, editada em 1755.

A obra filosófica mais conhecida e de enorme importância na história do pensamento, é a *Crítica da Razão Pura*, que pretende demonstrar, que embora não haja conhecimento que transcenda a experiência, é em parte *a priori* e não de modo indutivo derivado daquela. Definiu dois tipos de julgamento: o analítico e o sintético. No primeiro, a verdade pode ser determinada dentro de si mesma, tal como na afirmação de que “todas as casas pretas são pretas”. No segundo, a verdade está para além de si, como por exemplo, quando se afirma que a casa é preta. Refere ainda o conhecimento *a priori* e *a posteriori*. No primeiramente enunciado, a afirmação de que todas as casas pretas são pretas, não necessita da minha percepção para que seja confirmado, contrariamente à afirmação de que “a casa é preta” – *neste caso preciso de ver a casa para determinar a sua cor*. O conhecimento transcendental é um conhecimento *a priori*, que contém uma dada informação que reconhecemos de imediato como verdadeira. Já o conhecimento empírico, é um conhecimento *a posteriori*, sendo necessário confirmar a sua veracidade. O mundo fenomenal é o mundo que experimentamos por intermédio dos nossos sentidos, enquanto que o mundo numérico – *coisa-em-si* – é a realidade que está para além do mundo fenomenal – *Kant acreditava que temos uma noção intuitiva acerca da natureza do mundo numérico (metafísico)*. O nosso conhecimento não é assim obtido, apenas por intermédio dos nossos sentidos – *empirismo* – ou por intermédio da razão – *racionalismo*.

Para Kant, Deus não é objecto de conhecimento e a teologia não passa de conversa fútil.

Quando muito, Deus pode ser uma ideia pura da razão, não demonstrável, postulado e não cognição da ordem moral da razão prática.

Na *Crítica da Razão Pura*, destrói com notável destreza as provas racionais da existência de Deus, que na sua perspectiva, são três: a ontológica, a cosmológica e a físico-teológica.

Há no seu entender, outros fundamentos idóneos ao estabelecimento da crença, e esses são enunciados na *Crítica da Razão Prática*.

Vejamos uma síntese dos seus argumentos atinentes aos mencionados argumentos racionais, conforme expendida por Bertrand Russell:

- *A ontológica define Deus como ens realissimum, o ser mais real, isto é, sujeito de todos os predicados que lhe pertencem absolutamente. Afirmam os que a julgam válida que sendo a existência um predicado, tal sujeito deve ser esse predicado, isto é, deve existir. Kant objecta que a existência não é um predicado. Cem talers imaginados, diz ele, têm os mesmos predicados de cem talers reais.*
- *A prova cosmológica diz: Se alguma coisa existe, existe um ser absolutamente necessário; ora eu sei que existo, portanto um ser absolutamente necessário existe e deve ser o ens realissimum. Kant afirma que o último passo do argumento é novamente o ontológico já rejeitado.*
- *A prova físico-teológica é o argumento do plano mas em traje metafísico. Afirma que o Universo revela uma ordem, demonstrativa de propósito. Kant trata com respeito este argumento, mas nota que quando muito demonstra um Arquitecto, não um Criador, e não dá portanto uma concepção adequada de Deus. Conclui que a única teologia possível da razão é a baseada em leis morais ou guiada por elas.*

Para Kant, Deus e imortalidade são verdadeiramente ideias da razão, sem que esta possa demonstrar a sua realidade. São ideias práticas directamente relacionadas à moral.

As propriedades metafísicas da alma – *simplicidade, substancialidade, espiritualidade, imortalidade* – não são objecto do conhecimento.

Considera que há Deus e uma vida para além da morte, porquanto deve existir uma felicidade que seja proporcional à virtude, felicidade esta, que só a providência pode assegurar.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG